



## **Resgate do conhecimento etnobiológico em comunidades quilombolas no Sertão do São Francisco/PE**

*Rescue of ethnobiological knowledge in quilombola communities in the Hinterland of São Francisco/PE*

ALENCAR, Luana<sup>1</sup>; PEREIRA, Alexandre<sup>2</sup>; BRITO, Silvanda<sup>3</sup>; MARINHO, Cristiane<sup>4</sup>  
<sup>1</sup>UNIVASF, luhbatista@gmail.com; <sup>2</sup>ONG CHAPADA, alexandre@ongchapada.org.br; <sup>3</sup>UNIVASF, moraessilvanda@gmail.com; <sup>4</sup>UNIVASF, cristianeifsertao@gmail.com.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** O Recupera Caatinga promoveu ações e processos formativos com objetivo de recuperar e conservar a vegetação no Sertão do São Francisco/PE. Isso aconteceu por meio do resgate do conhecimento etnobiológico de comunidades quilombolas na região e pela implantação de sistemas de recuperação da vegetação aliados à produção resiliente, mitigando a desertificação e efeitos das mudanças climáticas. Com isso este trabalho tem base metodológica no estudo qualitativo, lançando-se mão de revisão bibliográfica e documental. No estudo, foram levantados os dados do Projeto “Recupera Caatinga” executado pelo Centro de Habilitação Pequeno Agricultor do Araripe (CHAPADA), por meio da Seleção Pública do Programa Petrobras Socioambiental, 2018.

**Palavras-chave:** processos formativos; comunidades quilombolas; recuperação de áreas degradadas; bioma caatinga

#### **Contexto**

O Projeto Recupera Caatinga foi executado no Sertão do São Francisco, no estado de Pernambuco, uma realização do Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe (CHAPADA), por meio da Seleção Pública do Programa Petrobras Socioambiental no ano de 2018. Desenvolveu ações com três comunidades remanescentes de quilombolas, reconhecidas pela fundação Palmares; uma no município de Cabrobó/PE, quilombo de Jatobá II e as outras duas no município de Santa Maria da Boa Vista/PE, nos quilombos de Cupira e Inhanhum.

O Projeto Recupera Caatinga teve como objetivo desenvolver ações de recuperação e conservação da vegetação, através do resgate do conhecimento etnobiológico de comunidades quilombolas no semiárido e implantação de sistemas de recuperação da vegetação. Aliado a produção resiliente, mitigando a desertificação e efeitos das mudanças climáticas, voltadas para a valorização dos saberes das famílias quilombolas, aproximando as gerações atuais das práticas que seus ancestrais desenvolveram. Nesse sentido, as atividades realizadas pelo Projeto adotaram metodologias de base agroecológica na sua execução.



As ações do Projeto tiveram início em novembro de 2020 e foram até fevereiro de 2023, período cujas famílias passaram por diversos momentos de formação, como oficinas, capacitações, encontros e intercâmbios para troca de saberes.

### **Descrição da Experiência**

A intervenção sociotécnica é uma abordagem que visa integrar o conhecimento técnico com a realidade social das famílias agricultoras. Isso significa que as metodologias participativas são fundamentais para que essa abordagem funcione. Afinal, é preciso entender as necessidades e demandas dos/as agricultores/as para que as soluções propostas sejam realmente efetivas.

Nesse sentido, os processos formativos são instrumentos importantes para a intervenção da realidade das comunidades, mas, para isso, é necessário respeitar as questões culturais locais, estabelecendo diálogos entre os conhecimentos tradicionais e o conhecimento científico. E, desse modo, contribuir para que os processos de formação cooperem para a construção do conhecimento sobre temáticas diversas.

Através da construção coletiva, foram realizados diagnósticos socioambientais participativos com intuito de conhecer as comunidades, identificar suas necessidades, elaborar a proposta de projeto dentro da realidade das comunidades. Os diagnósticos apontaram que, no geral, a produção agrícola e pecuária das três comunidades são para autoconsumo, sendo a maior parte da produção baseada no cultivo de frutíferas, raízes, grãos e artesanato, existindo ainda, a pesca e criação de pequenos animais. Observou-se também, práticas de desmatamentos, queimadas e uso de agrotóxicos no preparo dos roçados.

No município de Santa Maria da Boa Vista, nas comunidades de Cupira e Inhanhum algumas famílias trabalham com monocultivo de banana para a comercialização. Foi citado que não existia plantio significativo de mudas destinadas às forragens para animais. Em relatos ficou evidente a preocupação com a situação do rio São Francisco, principalmente porque vivenciam no dia a dia o processo de degradação do rio. Além da forte identidade como rio, que molda a vida nos aspectos ambientais, socioeconômicos e culturais.

Nessa perspectiva, as ações propostas pelo projeto visam à redução dos danos ambientais através da recuperação das áreas degradadas dos quilombos, especialmente dos solos, recursos hídricos, vegetação, biodiversidade e a melhoria da qualidade de vida dos moradores da região.

Após os resultados dos diagnósticos foram pensadas ações que suprissem as necessidades ambientais das comunidades. São elas: levantamentos ambientais, oficinas e cursos temáticos, visitas de intercâmbios, encontros em unidades escolares quilombolas, exposições e encontros municipais, formações em



comunicação para jovens, oficinas para crianças e jovens, capacitações para mulheres.

É importante destacar que o Projeto contou com a parceria e o envolvimento das Secretarias de Educação dos municípios de atuação do Recupera Caatinga, Câmaras de vereadores, Prefeituras, Instituto Federal-IF dos Campus de Santa Maria da Boa Vista/PE e Salgueiro/PE. Bem como das Associações Comunitárias dos quilombos de Cupira, Inhanhum e Jatobá II, do Sindicato dos trabalhadores Rurais, dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural Sustentável e da ONG CAATINGA. Todos deram sua contribuição e fizeram o Projeto acontecer da melhor forma.

Para ajudar no processo de mobilização das famílias, foi realizada a contratação de três jovens, um de cada comunidade, para compor a equipe técnica, chamando-os de Agente de Proteção Ambiental (APA), eles eram os mediadores e facilitadores entre a equipe e as comunidades.

Devido à pandemia da Covid-19, os encontros foram realizados com o público reduzido e como estratégia para esses momentos, articulou-se os representantes de grupos de bases como multiplicadores e, dessa forma, foi possível constituir uma relação entre as famílias participantes. No total foram cadastradas 270 famílias quilombolas, sendo 90 por comunidade.

Com o público beneficiário definido seguiu-se para as ações, iniciando com aplicação de questionários etnobotânico e etnoecológico, com objetivo principal de estimular o resgate e socializar os conhecimentos sobre as plantas da comunidade e região, utilizando para isso a técnica de lista-livre, desenvolvida por ALBUQUERQUE e LUCENA (2010), aplicando uma pergunta geradora de dados: “Quais plantas você conhece?”. O público prioritário dessa atividade foi os idosos, mas ela contou com a participação de jovens, como forma de garantir para futuras gerações os conhecimentos sobre as plantas da região.

Com base nos resultados obtidos através dos questionários, foi realizada uma oficina para sistematização e validação desses dados. Esse questionário foi o ponto de partida para a identificação das espécies que iriam ser trabalhadas no processo de recuperação das áreas de vegetação dos quilombos.

Posteriormente, foram iniciados os processos de formação com a oficina de indicação de plantas resilientes e suas características, em que foram apresentadas as listas de plantas identificadas na aplicação dos questionários e na atividade de inventário florestal para cada comunidade e depois em uma oficina geral com a troca de saberes entre os três quilombos. Por meio de debates nas oficinas, o conhecimento sobre cada espécie ampliou-se com a participação coletiva cujo público foi dando sugestões de acréscimo de informação para cada espécie identificada no levantamento etnoecológico e inventário florestal.

Em sequência, as formações foram promovidas preparando as famílias no



processo de construção do conhecimento e troca de experiências. Uma ação que contribuiu bastante foram os intercâmbios entre agricultores, permitindo o compartilhamento de experiências bem sucedidas, servindo como instrumentos que permitiram mostrar resultados de atividades desenvolvidas por outras famílias, sensibilizando e facilitando o conhecimento real na prática. Nesse momento também foi possível esclarecer dúvidas enquanto eram apresentadas as tecnologias e técnicas de convivência com o semiárido que eram desenvolvidas pela família, como o plantio em consórcio, sistema agroflorestal, banco de proteína, criação de pequenos animais, produção de hortaliças e recuperação da vegetação. E, por fim, um diálogo sobre acesso a mercados e comercialização para o Programa de Aquisição de Alimentos-PAA. Foram realizados três intercâmbios, um com cada comunidade, envolvendo 30 participantes de cada quilombo, um total de 90 pessoas com público variado entre jovens, mulheres e homens, trocaram saberes, onde levaram novos conhecimentos e experiências para suas comunidades.

As famílias participaram também de oficinas de coleta de sementes, armazenamento de sementes e produção de mudas, realizadas com intuito de contribuir com o resgate dos cuidados com as sementes nativas do bioma Caatinga e a autonomia das famílias no processo de produção de mudas nativas.

No contexto da juventude, foram promovidas oficinas de comunicação, pensadas como estratégias e mecanismos de divulgação dos trabalhos comunitários na internet e em plataformas sociais, com foco na formação de comunicadores populares. Nas oficinas aconteceram debates sobre o conceito de comunicação, trabalhos sobre as linguagens da comunicação e seus tipos, processos de comunicação bem sucedidos e comunicação como direito humano.

Os jovens quilombolas participaram ainda de oficina radiofônica e oficina de produção audiovisual. Na radiofônica foi explorada as questões que envolvem o rádio como um veículo de comunicação, com foco na produção de conteúdo radiofônico, que teve como resultados a produção de programetes de rádio estruturados com vinhetas e *spots*.

Com relação à produção audiovisual, o objetivo foi despertar os conhecimentos e habilidades técnicas dos jovens quilombolas participantes do Projeto Recupera Caatinga. Tendo como prática o desenvolvimento de mini projetos de vídeos, a partir de dispositivos móveis, como instrumento de visibilidade e valorização do fazer socioambiental do território. Esse trabalho resultou na roteirização, produção, gravação, edição e finalização de 3 vídeos jornalísticos de até 2,5 minutos, com as pautas: 1) Vídeo depoimento da participante sobre sua experiência com o Projeto Recupera Caatinga; 2) Vídeo reportagem sobre a Oficina de Audiovisual; 3) Vídeo experiência com jovens do Projeto Recupera Caatinga; além de 5 videoclipes pautando o cotidiano da comunidade, a paisagem da caatinga, a oficina, a rotina dos moradores. A atividade despertou um olhar mais sensível do grupo com relação aos cenários da caatinga e a valorização do bioma, aptos a registrarem com capacidade técnica esses lugares, trazendo dinamismo e criatividade na



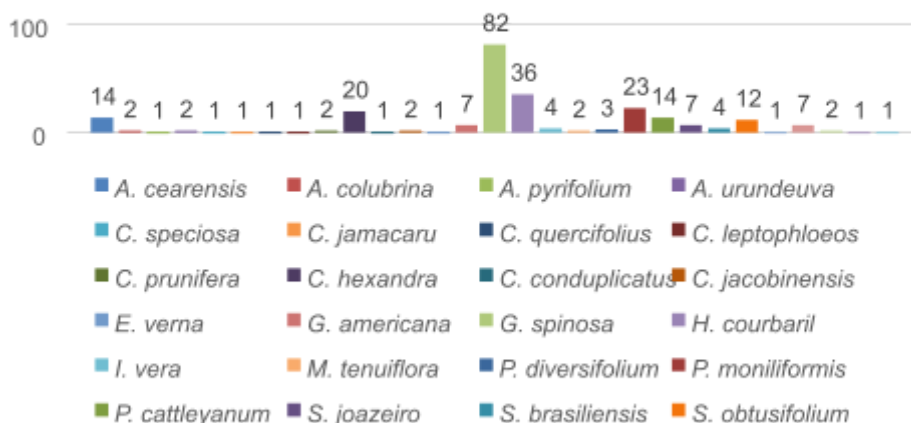
produção de conteúdos digitais, para que possam, deste modo, comunicar de forma mais assertiva e gerar bons engajamentos.

## Resultados

Por meio dos dados obtidos a partir aplicação dos questionários etnobotânico e etnoecológico nas comunidades quilombolas, como mostra o Gráfico 1, apurou-se que, nos quilombos de Santa Maria da Boa Vista/PE, espécies nativas como, Marizeiro – *G. spinosa*, Aroeira – *A. urundeuva* e Angico – *A. colubrina*, foram as mais citadas como inexistentes nas proximidades desses dois quilombos. Enquanto isso, em Jatobá II, Cabrobó/PE, a espécie que esteve menos presente nas áreas de vegetação foi o Jatobá – *H. courbaril*, que, segundo os/as moradores/as da comunidade existe apenas um pé identificado.

Vale destacar que, nos quilombos de Cupira e Inhanhum, em Santa Maria da Boa Vista, durante o inventário florestal as espécies Aroeira – *A. urundeuva* e Angico – *A. colubrina* foram identificadas dentro de suas Reservas Legais. Desse modo, acredita-se que isso ocorre pelo fato de essas áreas ficarem mais distantes das residências das famílias, portanto elas não têm tanta interferência humana e assim garantem sua existência.

**Gráfico 1, Espécies citadas como inexistentes nas três comunidades de atuação do Projeto**



Fonte: Acervo do Projeto Recupera Caatinga, (2021)

As espécies apontadas como inexistentes, receberam uma atenção especial do projeto em relação ao plantio de suas respectivas mudas e no processo de produção delas nos viveiros, de acordo com as respostas obtidas em cada comunidade.

Através das ações e metas desenvolvidas pelo Recupera Caatinga, pôde-se perceber em relatos por meio dos participantes que “as comunidades estavam



adormecidas e com o projeto elas acordaram para os cuidados com o bioma Caatinga”.

Além das 270 famílias beneficiadas de forma direta pelo Projeto Recupera Caatinga, participaram de forma eventual um público de 723 pessoas. Isso inclui os membros das comunidades escolares, parceiros como os sindicatos dos trabalhadores rurais, conselheiros municipais de desenvolvimento rural sustentável, gestores públicos, pesquisadores e famílias que se envolveram em atividades pontuais.

Um fator importante que contribuiu para a transformação socioambiental e o resgate etnoecológico das famílias nas comunidades quilombolas, foi a metodologia utilizada nos momentos de formação. Ela teve como narrativa a construção do conhecimento, cujas famílias interagiram de maneira participativa durante as atividades realizadas, somando a base técnica com a aprendizagem das famílias. Assim, trocando experiências e fortalecendo vínculos entre a equipe técnica e a comunidade, isso possibilitou o entendimento dos participantes de que o projeto Recupera Caatinga é deles e que as ações desenvolvidas no período de execução devem continuar; levando em consideração a importância do bioma Caatinga para as comunidades.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos.** In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA, 2010. p. 41-64.